

## Por uma ética da Orixalidade nos Brasis contemporâneos

*Raphael Ribeiro da Silva<sup>1</sup>*

### Resumo

Esse texto ensaístico e fragmentário, se propõe enquanto uma breve conversa a partir da categoria “Orixalidade”, entendida enquanto uma categoria ética-estética-filosófica, que pode ser encontrada em múltiplas linguagens e que se agencia por entre os saberes populares das macumbas, nos terreiros e nas ruas, mais especificamente nos atravessamentos das favelas com o legado cosmogônico e cultural afro-ameríndios das macumbas. Desde o “meu lugar”, onde todos os dias tem gente que bambeia, que ginga e se zanga, dribla a morte, numa matriz de encantamento que diz muito do que somos. Uma brasilidade que faz cruzo e se cruza nas encruzilhadas e de lá traz potência, por entre saias rodadas, marafos, mas também agencia passinhos, bailes e furduncinhos.

**Palavras-chave:** Orixalidade, Cruzos, Umbandas, Brasis, favelas.

### Summary:

This essayistic and fragmentary text proposes itself as a brief conversation based on the category “Orixality”, understood as an ethical-aesthetic-philosophical category, which can be found in multiple languages and which acts among the popular knowledge of the macumbas, in the yards and on the streets, more specifically in the crossings of the favelas with the Afro-Amerindian cosmogonic and cultural legacy of the macumbas. From “my place”, where every day there are people who sway, who sway and get angry, dodging death, in a matrix of enchantment that says a lot about who we are. A Brazilianness that crosses and intersects at crossroads and from there brings power, between full skirts, marafos, but also manages little steps, dances and furduncinhos.

**Keywords:** Orixality, Cruzos, Umbanda, Brazil, favelas.

"Quando nós falamos tagarelando e escrevemos mal ortografado, quando nós cantamos desafinando e dançamos descompassado, quando nós pintamos borrando e desenhamos enviezados, não é porque estamos errando, é porque não fomos colonizados"

Nego Bispo

---

<sup>1</sup> Bolsista Capes; Doutorando do Programa de Pós Graduação em Bioética, Ética Aplicada e Saúde Coletiva da UERJ, é mestre em Letras pelo Programa de Pós Graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade da PUC-Rio, e também é bacharel em Estudos de Mídia pelo Departamento de Estudos Culturais e Mídia da UFF. Contato: phribeirodi@gmail.com

“Favelado tem que juntar com favelado pra fazer acontecer  
Porque eles nunca vai fechar com nós”

*Talvez. Mc Poze do Rodo*

Há 530 anos, em 12 de outubro de 1492, Cristóvão Colombo “descobria” a América, que morreu acreditando ser a “Índia” (mais exatamente Cipango, o Japão), como os de sua época chamavam todo o continente asiático. Daí porque o continente ganhou o nome de outro navegador, Américo Vespúcio, que cravou, em 1504, que não era Índia coisa nenhuma, mas o que chamou de "Novo Mundo." Em 1943, o artista uruguaio Joaquin Torres García (1874-1949) propôs no desenho *América Invertida* um mapa que fosse assim, “de cabeça para baixo”, mostrando o mundo de outra perspectiva. E nós, que seríamos o Sul, estaríamos acima. Uma outra América possível, metaforicamente.

Em 15 de novembro de 1939, Zélio Fernandino de Moraes, sob o transe de um Caboclo, de nome Caboclo das Sete Encruzilhadas, determinou que se fundasse a Federação Espírita de Umbanda, posteriormente denominada como União Espiritista de Umbanda do Brasil, visando atuar como núcleo central doutrinário e congregar os templos umbandistas. Nascia dali uma configuração litúrgica do que se chamaria de Umbanda. Hoje, por entre os muitos cantos dos Brasis, cada vez mais se entende que a marafunda tem espaço pra todo tipo de gente que é morta, desde que se deixe encantar.

Pois bem, se essa América outra é possível, que seja forjada no fogo de Exú, que arde, destrói e tudo novo se faz. Exú nos ensina que os muitos caminhos são possíveis. Ele se transforma em múltiplos seres cuja missão é fazer as oferendas circularem, tornando-nos doadores de oferendas aos deuses, e estes distribuidores de bênçãos a todes. Para quem não sabe, o padê de Exú, servido sempre ao começo de cada canjira (gira), significa reunião ou encontro, demonstrando que o objetivo principal do rito é pedir a Exú que reúna ou propicie o encontro das partes separadas.

Para além do orixá, controverso e *trickster*, endiabrado na diáspora, que os “Exús catiços” das macumbas cariocas, esquecidos ou excluídos por Zélio, nos ajudem a desmontar os mapas coloniais, pelos quais, tolos seguem traçando suas rotas e naufragando. Que cada pombagira que bebe e gira a saia ,mas que pode ser puta se ela quiser, pois o feminismo da pombagira passa pelo lugar de uma liberdade que está para além dos códigos que a academia institucionalizou como lugar-valise. E que cada Exú, com sabedoria, traquinagem e vadiagem, nos possam auxiliar nas percursos, pois afinal,

são eles donos das ruas, e é de lá que vem a ética necessária para que forjemos as tais “cosmopolíticas de refúgio” e as “linhas de fuga”.

Que Exú nos ajude na descolonização dos saberes. Que Exú seja o condutor dessa tal inversão necessária dos mapas, nos reconectando às nossas partes que foram separadas pelas violências coloniais. Tudo que nós tem é nós! Não apenas desde um Sul, mas dos becos, avante! Um “Mundo-Outro” é preciso se fundar, se faz urgente a construção de novos paradigmas que passem pelos nossos corpos, a partir de nossas vivências e leituras. Pensar coreograficamente os Brasis, enquanto uma *ficção-Brasil*<sup>2</sup>, onde a gente possa inventar mundos possíveis, buscando, a cada dia, desde as margens, refazer os Brasis. Se o Brasil é algo possível hoje, ele é uma gira de Umbanda.

Nessa gira de muitas bandas, das muitas Umbandas que batemos por dentro e fora desses Brasis, é a gira que nos forma e que nos constitui. Os caboclos que cantam firme seus brados, são os verdadeiros donos dessa terra. Com suas flechas certeiras, fincaram aqui seus saberes e baixam hoje em nossos corpos toda força que vêm da Cidade da Jurema. De todo povo preto que de banzo sofreu, é donde vem a história e o legado ancestral de cada preto e cada preta velha. A mironga fica debaixo do pé, e a fumaça dos cachimbos curam todas as mazelas e apagam do ar toda maldade humana, só não vê quem não quer.

Então, tipo assim: não tem como pensar em preto velho e preta velha e não lembrar das tias das casas cheias de plantas, que benzem a gente de todo jeito possível, seja com banho, com punhado de planta, com chazinho ou com “ponto-falso” nos joelhos e queixos rasgados, por entre piques, peões e pipas e pau na lata. Essas tias-avós que todo mundo tem, são delas que nascem os Brasis todos os dias, delas que parimos a cura contra toda

---

<sup>2</sup> Acredito que essa categoria de leitura crítica da história, sobretudo no olhar atento das ficções, dos registros e memórias, num modo que rasura, para reescrever o Brasil, no esteio que Fred Coelho, professor da PUC-Rio nos aponta na ementa de seu curso “Delirar o Brasil”: “Mergulhar crítica e coletivamente na ideia de Brasil como ficção política, especulação cósmica, maquinaria para o desastre, o Brasil como sonho e terror, de Araripe Júnior a Glauber Rocha, de Carolina Maria de Jesus a Jota Mombaça, de Euclides de Oiticica, de Clarice a Abdias, o Brasil como delírio telúrico, paradisíaco, cientificista, racista, antropofágico, amazônico, sertanejo, modernista, o cartesianismo tropical, o sentimento do mundo, Peri e Ceci, Riobaldo e Diadorim, mármore e murta, Quinto Império, Matas virgens, Galáxias, a história do Futuro de Vieira, o instituir-nos-emos nacionalidade de Machado, formação e deformação, utopia e frustração. A carta, o crime, a crise, retrato e raiz, casa grande e quilombo, Brasil diarreia no país do futuro, margem e mágica, atravessar o caos para disputar a imaginação política sobre uma ideia em aberto, tragédia em movimento, ó pedaço de mim, ó metade afastada de mim, o Brasil como abismo, como atrito, como texto e alucinação, o sonho desesperado e o bem guardado segredo. Disputar o Brasil, inventar o Brasil, alucinar o Brasil, descascar o Brasil, matar o Brasil mas não desistir de um Brasil. Não desistir de delirar política e ficção. Não desistir.”

mazela. O tempo delas de vida já justificam nossa existência e permanência até aqui hoje, apesar de tudo e tanto.

Falou de preta velha eu lembro é da Dona Isolinda do conjuntão das casinhas lá em Santa Cruz, onde minha mãe morava e eu tinha medo de abrir a porta de madrugada, mas eu sei que de manhã ou de tarde ou a qualquer hora do dia, quando eu ia na casa da Dona Isolinda lá tinha cheiro de tempero, de erva, e ela, eu juro!, ela ainda vive sentada na cadeira-banco dela benzendo a gente, só não enxerga ela ali, quem não se permite encantar. Enquanto eu escrevo isso aqui e sinto cheiro de tempero, de planta, de coisa boa, de cura, de cafezinho, de dengo da preta que, eu carrego em mim, amontoada por entre muitos que me povoam.

Parece bonito e poético fazer feijoada no 13 de maio, cantar pra Maria Conga, Tia Maria, Pai Joaquim, Pai Benedito, Tio Chico e tanto povo que vem de Angola, Cativeiro, Congo, Do Cruzeiro e dessa gente que nos faz viajar enquanto se canta “Congo com Cambinda quando vem pra trabalhar, Congo vem por terra, Cambinda vem pelo mar...” Mas é aí que eu ato o nó da parada: toda favela, toda comunidade, toda viela tem velho mirongando, há múltiplas “mirongagens” por entre nossas ruas. Lembro de todo tipo de gente bater lá no portão atrás da preta velha lá de casa, minha avó que foi minha mãe, enquanto minha mãe era mãe de outras gentes desses Brasis. Minha farmacologia nasce dos pés de planta que minha avó catava e me ensinava, eu sempre digo, e repito: foi lá do pé de figo que eu aprendi a ser gente.

No interior desses Brasis residem a força ancestral dos caboclos boiadeiros, que no laço certo carregam o Brasil - maiúsculo e hegemônico - nas costas e ainda lutam contra uma indústria tão carnívora e desigual, onde há carne boa pra tão pouca gente, e tanta gente catando pelanca e osso. E no meio dessa miséria, desenhada pelas margens e pelos interiores desse país cindido em dores e marcas que vem desde lá dos tempos das rotas atlânticas, ainda hoje, a gente segue pensando a partir das lógicas que nos afastam cada vez mais do cerne da parada, como e quando vamos pensar a partir do lugar de quem cata pelanca e osso e não do lugar de quem produz fome e miséria? Tem gente que acha que bloqueando rodovias e hasteando bandeiras vão conseguir inscrever algo no centro do debate político. e a gente cai feito otário, nos golpes dos que se acham cabruncos, mas são gados.

O laço do boiadeiro quando bate firme no chão, risca forte seu poder e rasga no tempo toda a lógica já existente, onde o gado não sabe seu poder e nem quem manda. É

preciso, nessa luta por entre o poder do controle, inscrever-se enquanto forte e mais do que isso, estar preparado para reunir e lutar contra a dispersão. Podemos ser diversos, podemos pensar rotas distintas para o que chamamos de Brasil, mas é preciso lutar contra a dispersão, contras as ideias que de alguma forma despotencializa a ideia de bando, que se espalham feito gado disperso e confuso. É preciso um pouco de coesão, caminhando juntos, mesmo que sem rumo e diverso. Sob o laço certo da boiada, no comando é preciso alguém que entenda o poder de andar junto.

No gongá dessas giras dos Brasis, tem espaço pra todos os Santos. O sentinela dessa porteira é Exú e todos os catiços, que bebem marafos, rodam as saias e todos gargalham, e junto dos Zés, que habitam as esquinas, nos protegem e nos livram, nos salvam e nos salvarão dos falsos Messias. Pro povo que gosta de datar e apontar origens: Há diga que foi Zélio, há quem hoje reivindique a herança bantu dos calundus de Luzia Pinta, mas o que cada pemba risca nesse Brasil-Terreiro, não há quem possa explicar.

A Umbanda está em todo canto, na fezinha sincrética da feijoada de Jorge que é da Capadócia mas é Ogum de África, da Iemanjá que é a Sereia do Mar e a senhora dos pescadores e a orixá negra dos seios fartos, mãe de todas as cabeças. A Umbanda está desde o topo do morro e nos becos e vielas de cada fiel, onde malandros de hoje são da tropa do mantém, que sustentam a banca, fornecendo pra playboy só da bruta. Brutalidade? pros menó é lógica, encara os bico do fuzil. Hoje, os Zés empilintrados que pagodeiam por aí não vestem Panamás, mas cabelo na régua e bigodin finin, outros de bonés e cordão de ouro, trocaram o boteco pelos bailes funks, onde ostentam a zanga ancestral que carregam no sangue e na ginga do corpo.

Esses ditos corpos masculinos devem gingar, o homem tem que criar rotas de fuga de uma sociedade que o encurrala em uma cultura genocida, e para não morrer sangrando ou sangrar morrendo, ele tem de gingar todo dia. Nesse caso o sangue para o homem é metáfora não só de dor, mas do medo da morte, numa cultura que mata a cada 23 minutos um jovem negro. É um corre contra o relógio da morte, é escapar num drible de malandro, de cria. E para driblar a morte, deve-se armar o contra-golpe de um bom capoeira, deve equilibrar na corda bamba de um corpo empilintrado, que bambeia mas não cai.

Nosso desafio hoje é encenar, a partir de uma filosofia popular brasileira, nossos malandros contemporâneos carregados de uma ginga cotidiana que vêm de muito longe para driblar o cerceamento dos corpos. O encantamento como matéria prima faz de nossos

Zés inventados, espectros de homens reais que cruzam todos os dias as encruzadas desse nosso Brasil. Perceber por entre muitos Poze e Cabelinho, Filipe Ret, L7nnon e Oruam, onde toda a gramática que existe é que “nada nessa vida vai mudar a essência de cria”. E vocês sabem o que é ser cria? Os menó tão suando debaixo do sol vendendo água no calor e sombrinha na chuva, balinha mentos e torcidão de 2 e mesmo assim todo dia tem um que roda na mão dos cana, só por causa dessa coisa de pele preta. Tá foda, não dá pra ficar fazendo trend do *Tik Tok* falando que “é melhor andar sozinho do que mal acompanhado”, quando na verdade cês não tão nem aí pra quem carrega hoje o shape de malandro. A galera do chapéu Panamá já foi, os menó tão gingando hoje pra fora da mira do fuzil da PM.

Aqui, ainda nas esquinas dos Brasis: Toda mulher é Pombogira. As múltiplas feminilidades moram nas encruzilhadas, vagueiam por entre esquinas, nas casas de família e nos puteiros mundo afora. Ser mulher está para além do que as linhas retas escrevem. Ser mulher é criar o filho sozinha, é não criar, é deixar com o pai, é escolher não ter cria, é não ter útero. É que parece que todo mundo pode ser tudo, mas pra ser mulher tem que seguir a bula. É preciso gargalhar diante das normas, ser puta e ser recatada, é rasurar os códigos, é cirandar os dogmas, é parir novos saberes e embucetar os caminhos todos.

Nosso desafio, ao embutecar os caminhos, é recriar de modo expandido as histórias de Pombogiras conhecidas de nossa “mitologia macumbeira”, mas embebidos do cruzo das ideias, afiados com uma filosofia popular brasileira. Aqui, após vasculhar as pistas históricas e filosóficas, construiremos nossas heroínas tipicamente brasileiras e carregadas de uma afrobrasilidade que é muito nossa. O encantamento como matéria prima faz de nossas musas inventadas, espectros de mulheres reais que cruzam todos os dias os cantos desse nosso Brasil, empadilhadas, mulambadas e acima de tudo, livres para serem o que quiserem.

Movido pelo desejo de compreender o conjunto de saberes das matriarcas negras no Brasil, além da minha entrada no culto de candomblé e do desejo de aprender e difundir os saberes de minha cultura religiosa, criei em agosto de 2020, um perfil na rede social *Instagram*,<sup>3</sup> sob o nome de "Orixalidade". Pensado para ser uma plataforma de difusão dos saberes das religiosidades de matriz africana e de todo um arcabouço filosófico,

---

<sup>3</sup> A plataforma pode ser acessada através do link: <https://www.instagram.com/orixalidade/>

artístico e ritualístico que compõem a cultura religiosa do culto de orixá, mas também de voduns e inquices, no Brasil.

Dessa forma, a Orixalidade é tida como uma plataforma de difusão dos conhecimentos oriundos do lugar de saber dos terreiros ou roças de candomblé e Umbandas no Brasil, principalmente os que eu vivencio juntamente com minha família de axé. É também uma categoria ética-estética-filosófica, que pode ser encontrada em múltiplas linguagens e espaços de saber<sup>4</sup>: desde os terreiros, mas não somente, mais também nos sambas, nas festas, nos elementos que transbordam e atravessam nossos imaginários, mas que compõem as macumbas, tais como os fios de contas, os adornos, que transbordaram e se tornaram também referências estéticas. Está nos carnavais de rua e da Sapucaí, como no Exú da Grande Rio e nos malandros da Ópera do Sanguê, estão nas colagens artísticas digitais de @segebambia81 e @ uendelns no *Instagram*, nas fotografias de Márvila Araújo, nos trabalhos artísticos e pesquisas de Breno Loeser, nos ensinamentos em *reels* de Ester de Oxum, nas canções de Baco Exu do Blues e Jéssica Ellen. Enfim, a coisa da macumba e das orixalidades, pois não se pode mais pensar em singularidade quando o negócio é múltiplo, diverso e atravessa os corpos.

Existem também projetos transversais postados no perfil da rede social que estão ancorados nos saberes das práticas umbandistas, tais como "contos encantados" que versam sobre os saberes das entidades de umbanda, a partir de histórias de minha autoria, que acionam a sabedoria das pombagiras, erês, malandros e malandras e os caboclos. Esses "contos encantados" funcionam como uma leitura criativa minha, mas também uma produção filosófica, a partir de minha facilidade pela linguagem literária, espaço cômodo e afetivo, pelo qual consigo transbordar, criticamente, os caminhos das orixalidades que venho acumulando ao longo das vivências macumbeiras.

Fiquei pensando por um bom tempo em trocar o nome dessa plataforma - mais especificamente para *mooyo*<sup>5</sup>, categoria bantu que designa energia vital, que estaria para

---

<sup>4</sup> Muito embora eu tenha citado aqui alguns nomes de múltiplos espaços e linguagens artísticas, tenho elaborado um levantamento amplo para uma análise desse conjunto vasto de "objetos-acontecimentos", que recolhem e atravessam em si, o que venho chamando de "Orixalidade", para ser apresentado em um ensaio que irá compor minha Tese de Doutorado, atualmente em desenvolvimento, com financiamento da Capes.

<sup>5</sup> O médico e intelectual do Congo, Kia Bunseki Fu-Kiau, afirma, ao estudar a cosmogonia dos bantos, que qualquer povo tem seu *mooyo*, a energia vital (aquilo que os iorubás chamam de axé). Para os bantos, incorporar símbolos, ritos, crenças, entidades e valores de outros povos pode significar aumento do nosso próprio *mooyo*, sem que isso represente o abandono das crenças originais. Desde que proporcionem saúde,

o "axé" dos iorubás - O que aconteceu foi que desde que fiz santo, "raspei o santo", me iniciei no candomblé, menos iorubá me tornei, menos discípulo de uma escola me tornei, me tornei cada vez mais macumbeiro, mandingueiro, mirongueiro das margens.

Tateando pelas bordas de uma religião tão robusta e estruturada a partir das hierarquias, rastros e ranços coloniais, dos quais, aliás, já passou da hora de lançá-los ao vento, como num belo e fundamental ebó, me tornei um amontoado de macumbas, um conjunto de vários e múltiplos encantamentos.

Ao fim de tanto e apesar de tudo, seguimos sob o nome de "Orixalidade", justamente pela inconsistência e por uma certa incapacidade de aglutinar os muitos saberes que nossas macumbarias brasileiras congregam. Gostaria de deixar registrado que a "orixalidade", enquanto uma categoria de pensamento popular brasileiro, não está presa a um lugar epistêmico, escolar e ritualístico, que pela ordem etimológica, deveria ser iorubá. Não, nossa "orixalidade" é múltipla, atravessa os muitos saberes que nos congregam e está atravessada pelos muitos corpos que nos constituem, desde os tempos em que um bando de europeus-bandidos- manés chegaram aqui na terra dos povos originários, com a ideia ridícula, horrenda e estapafúrdia de "nos descobrir".

Talvez um outro motivo para manter o nome da categoria, é provocar um abalo nos puristas, que ainda hoje sentam nas rodas para falarem dos seus candomblés puros; primeiramente, essa gente não entendeu nada de da História que o povo preto de Áfricas, viveu e o legado que isso nos dá hoje. Segundo que essa gente que bate no peito pra dizer que "no meu salão de candomblé só toca candomblé de Ketu, ou de Jeje ou Angola puro" além de chata é careta, cafona, demodê e desencantada. Não entenderem nada de cruzo, de potência pelas coisas que juntas e sobrepostas, nos mostram o quanto reside ali o encantamento. Justamente por isso gosto de sobrepor raízes, dialetos e concepções filosóficas de raízes do candomblé distintas, pois para mim, é daí que a gente segue se parindo enquanto Brasis.

A grosso modo, seguimos na doce tarefa de se *amuntuar*<sup>6</sup>, de reunir cada vez mais *mooyo*, aglutinando pomba riscadas de caboclos, louvores e rezas aos ancestrais, seja

---

fecundidade, estabilidade, harmonia e prosperidade, todas as experiências de acúmulo de força vital são benéficas, inclusive na música, encarada como uma arte sagrada que conversa com os deuses e alimenta a energia das mulheres, dos homens e das crianças.

<sup>6</sup> Não queria ter que explicar e encher esse ensaio de notas de rodapé, mas gostaria de deixar registrado aqui nesta nota, que optei por deixar a grafia dessa forma, para acionar a palavra e/ou radical de origem bantu, *Muntu*. Na raiz filosófica africana denominada de Bantu, o termo NTU designa a parte essencial de tudo que existe e tudo que nos é dado a conhecer à existência. O *Muntu* é a pessoa, constituída pelo corpo, mente,



batendo candomblé em jeje, ketu ou bantu, seja nas Umbandas Zelistas iludidas em fazer a caridade ou naquelas que mais se aproximam de Palo Mayombe, e que não se preocupam se é Umbanda ou Kimbanda, mas que é macumba, é suor, é corpo, é sangue, é pemba e é samba. É Brasil na sua infinita brasilidade.

Então galera, chegou a hora de produzir pensamento enterreirado, embebido de marafo e da saia rodada dos exus catiços, sujo de bala e guaraná dos erês, no colo das Ayabás, a partir dos conselhos dos pretos velhos, da flecha certa dos caboclos. A orixalidade tá no cotidiano de quem deixou a alma se encantar. E sem encantamento não tem vida. Gire a gira das nossas Umbandas, se deixe girar.

N' gunzo Ê, Saravá, Kolofé, Mukuiu, Motumbá, Amém,  
Valeu, meus crias.

**Referências bibliográficas**

HADDOCK-LOBO, Rafael. Filosofia Popular Brasileira. HH Magazine, Humanidades em Rede: <https://hhmagazine.com.br/category/colunas/filosofia-popular-brasileira/>

\_\_\_\_\_ (Org.) Dossiê “Pensamentos guerreiros contra a colonialidade. Revista Cult, n. 271, Jul, 2021.

\_\_\_\_\_ e Moraes, Marcelo José Derzi (Orgs). Dossiê “O samba mora na filosofia”. Revista Cult, 281, Maio, 2022.

\_\_\_\_\_ “Correndo gira”. Disponível em: <https://hhmagazine.com.br/correndo-gira/>

\_\_\_\_\_ “Fragmentos de políticas macumbeiras”. Disponível em: <https://hhmagazine.com.br/fragmentos-depoliticass-macumbeiras/>

\_\_\_\_\_ “Maria Navalha e a filosofia popular brasileira – um “trabalho” de campo”. Disponível em : <https://hhmagazine.com.br/maria-navalha-e-a-filosofia-popular-brasileira-um-trabalho-de-campo/>

\_\_\_\_\_ “Os gêneros das ruas”. Disponível em: <https://hhmagazine.com.br/os-generos-das-ruas/>

\_\_\_\_\_ “Por que Filosofia popular brasileira?”. Disponível em <https://hhmagazine.com.br/por-que-filosofia-popular-brasileira/>

MORAES, Marcelo José Derzi e NEGRIS, Adriano. “Escrituras da Cidade: ordem e desordem a partir de Derrida”. In: SOLIS, Dirce Eleonora Nigro e MORAES, Marcelo José Derzi. Políticas do Lugar (Coleção Querências de Derrida, moradas da arquitetura e filosofia, vol. 4). Porto Alegre: UFRGS, 2016.

\_\_\_\_\_. “Comer bem como experiência do encantamento”. In: HADDOCK-LOBO, Rafael; MORAES, Marcelo José Derzi; BISET, Emmanuel. Dossiê “Os saberes dos povos e a desconstrução: religiosidade, natureza e cultura”. Revista Abatirá, v. 2 n. 4 (2021). Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/abatira/article/view/13314>

\_\_\_\_\_. “Por uma Filosofia Dessa Coisa de Pele: uma desconstrução da colonialidade”. In: N NOYAMA, Samon. Gingar, Filosofar, Resistir: ensaios para transver o mundo. Curitiba: CRV, 2020.

\_\_\_\_\_. Democracias espectrais: por uma desconstrução da colonialidade. Rio de Janeiro: NAU, 2020.

RUFINO, Luiz. Pedagogia das Encruzilhadas. Rio de Janeiro: Mórula, 2019.

SIMAS, Luiz Antonio, RUFINO, Luiz e HADDOCK-LOBO, Rafael. Arruaças: uma filosofia popular brasileira. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

\_\_\_\_\_. Fogo no Mato: a ciência encantada das macumbas. Rio de Janeiro: Mórula, 2018.

\_\_\_\_\_. Flecha no Tempo. Rio de Janeiro: Mórula, 2019.